

COMO SE FALA DA ALIMENTAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS?

WITT, NEILA S. P.; SOUZA, NÁDIA G. S. DE; SOUZA, DIOGO O. G. DE

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras chave: Aprendizagem; Discurso biomédico; Estratégia disciplinar; Hábito alimentar; Práticas culturais.

OBJETIVO

Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no projeto de bacharelado em Ciências Biológicas intitulado¹ *Como as escolas inscrevem os hábitos alimentares?*² Nesse projeto buscamos conhecer como as práticas escolares integram o processo de inscrição dos hábitos alimentares de crianças das Séries Iniciais do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino. Partimos do entendimento que tais hábitos são, normalmente, transmitidos na família, na mídia, nas escolas, nos grupos sociais e sustentados por tradições, crenças e valores que passam pelas práticas culturais; ou seja, a constituição do hábito alimentar se dá nas práticas cotidianas de significação que ensinam entre outras coisas: paladares, sentimentos de prazer/desprazer, comportamentos e preocupações ou não com determinados alimentos, inscrevendo assim os corpos das pessoas (Certeau, 1997). Dentre as diferentes práticas e discursos que ensinam sobre o comer na escola — merenda escolar, alimentos dispostos e oferecidos no bar da escola, lanches trazidos de casa — procuramos nesse estudo investigar como os temas relacionados aos hábitos alimentares aparecem nos livros didáticos, uma vez que esses são um dos artefatos que compõe os currículos escolares.

Nesse estudo não buscamos comparar as diferentes abordagens dos livros, ou julgar seus conteúdos como “certos” ou “errados”; mas conhecer os discursos que ali aparecem e como se relacionam quando se ensina determinado conteúdo escolar sobre a alimentação na escola, uma vez que tais práticas integram o processo de constituição dos hábitos alimentares dos alunos/as.

MARCO TEÓRICO

Falar da alimentação, entre outras coisas, remete-nos a pensar sobre a relação da cultura com a natureza, o simbólico e o biológico. Assim, partimos do entendimento de que a alimentação ultrapassa as explicações possíveis do campo da fisiologia e bioquímica; o que comemos e bebemos faz parte de práticas sociais. Nos sentamos em torno da mesa para comemorar, reunir a família, organizamos as refeições de acordo com nossas atividades cotidianas. Enfim, o comer não é “simplesmente” nutrir o corpo, mas uma prática cultural, quando nos alimentamos, criamos práticas e atribuímos significados àquilo que está incorporando a nós mesmos, o que vai além da utilização dos alimentos pelo organismo. Nesse entendimento, não é necessário

1. Esse projeto vincula-se à Linha de Pesquisa Estudos em Educação em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Bioquímica, ICBS/UFRGS. A qual estabelece conexões com o campo dos Estudos Culturais e dos Estudos Culturais da Ciência, assim como com proposições de Michel Foucault.

2. Witt, N. S. P. (2004). *Como as escolas inscrevem os hábitos alimentares?* Porto Alegre: PPG-Bioquímica/UFRGS. Bacharelado em Ciências Biológicas.

um “ritual” para que o alimento tenha um significado cultural, ou seja, um fruto colhido da árvore já é um alimento culturalizado, antes de qualquer preparação e pelo simples fato de ser tido como comestível. Nesse sentido, o que é considerado “comida” em uma cultura não é em outra.

Por isso, os hábitos alimentares não podem ser entendidos como “natural” do ser humano e sim adquirido em práticas culturais cotidianas de significação, presentes nas famílias, na mídia, nas escolas, nos grupos sociais, que ensinam paladares, sentimentos de prazer/desprazer, comportamentos e preocupações ou não com determinados alimentos, inscrevendo assim os corpos das pessoas (Certeau, 1997). Dessa perspectiva, fomos olhar a escola como mais um local — aliado à família, mídia, entre outros — que, nos dias de hoje, ensina sobre o comer, sendo esse aprendizado integrante do currículo escolar de diferentes formas.

O currículo está sendo entendido aqui como tudo o que a escola ensina, sendo, portanto, mais do que a “lista de conteúdos” e, “mesmo quando pensamos o conteúdo como uma coisa, como uma lista de conteúdos, por exemplo, ele acaba sendo fundamentalmente aquilo que fazemos com essa coisa” (Silva, 2001:194). Desse modo, o currículo é constituído pelas práticas que integram o cotidiano, não só da sala de aula, mas também da escola. Ele configura-se, assim, por diversas dimensões/estratégias que de forma invisível atuam nos nossos corpos, regulando: o que (e de quem) se fala ou se deixa de falar, pequenos movimentos, olhares, entonações na voz... (Foucault, 2002). Dessa forma, “tem que ser visto nas suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (o que ele nos faz)” (Silva, 2001:194).

Nesse sentido, ao olhar como se ensinava sobre alimentação nas escolas, percebemos que, no momento da merenda, as crianças aprendem de várias formas hábitos e significados relativamente à alimentação. Nesse momento mesclam-se alimentos, hábitos, paladares e comportamentos adquiridos em outros espaços. Porém, no interior da escola, pouco se questiona e discute sobre as implicações do que e como se vem comendo ali e, também, sobre o papel da merenda escolar considerando-se o contexto. Ao olhar como se ensinava sobre alimentação nas salas de aula, percebemos que os livros didáticos configuram-se como principal fonte de informações para o planejamento das aulas, por isso, buscamos analisá-los no sentido de conhecer que abordagens esses trazem sobre a alimentação.

Os livros analisados nesse estudo foram indicados pelas professoras de uma das escolas que participou da pesquisa. No entanto, é importante enfatizar que tais livros não são usados diretamente pelos alunos, eles servem como um recurso didático de apoio, sendo usados mais como fonte de informação para o planejamento de suas aulas. Muitas vezes esse recurso – segundo comentário de uma das professoras – era sua única referência.

Analisamos três livros, destinados às Séries Inicias do Ensino Fundamental, sendo eles: *De olho no Futuro: Ciências, 4; Pensar e construir: Ciências Naturais, 3^a série; Terra Viva: ciências: primeiro grau*. No entanto, não examinamos somente as sessões específicas sobre alimentação; mas buscamos olhar como esse tema aparece em outras sessões que não estão diretamente ligadas à alimentação.

DESENVOLVIMENTO

Discursos normativos influenciando e definindo o papel do corpo docente...

Nossos corpos, enquanto sistemas vivos em inter-relação com o meio, são inscritos pelos e nos acontecimentos, não sendo, portanto, pré-determinados, mas efeito/produto (sujeito a transformações) que se modifica a medida em que se submete e submete a outros às formas de poder. O poder está sendo entendido aqui como algo produtivo, como uma ação (ou ações) que permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos e que se encontra intimamente ligado ao saber. Essas relações de saber/poder podem ser evidenciadas, por exemplo, quando os livros, através dos discursos por eles veiculados, não apenas influenciam as professoras nas suas programações, como também ditam o papel do corpo docente, suas tarefas, estímulos que devem fornecer aos estudantes, a maneira de avaliar, as atividades de reforço, etc. Isso pode ser evidenciado, no livro *Pensar e construir* (2001:46), que, além de trazer as respostas das ques-

tões a serem feitas para os alunos, recomenda atitudes que a professora deve assumir em relação ao assunto tratado e traz prescrições para situações que possam acontecer nas aulas.

Refita sobre as notícias e faça as atividades.³

Professor: *Conduzir as atividades com o cuidado necessário para evitar que as pessoas magras ou obesas sejam estigmatizadas. Consultar a Assessoria Pedagógica.⁴*

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Ao realizar atividades envolvendo o assunto alimentação, é necessário ter sensibilidade para que não existam situações constrangedoras entre os alunos. É comum as pessoas muito magras ou muito gordas serem alvo de brincadeiras por vezes hostis. É papel do professor exigir respeito em relação a essas outras características. Se esse tipo de brincadeira ocorrer, deve-se retomar o que foi discutido na Unidade 1 — Diversos rostos, em que são tratados assuntos como diversidade humana e preconceito.

Neste caso é possível pensar o livro como uma estratégia disciplinar, que através da vigilância e controle das ações da professora (e por ela, dos alunos), busca ordenar, enquadrar as possíveis “desordens”; assim, o poder disciplinar “se exerce de acordo com uma codificação que esquadriinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. [...] Permitindo] o controle minucioso das operações do corpo” (Foucault, 2002:118). Desse modo, os discursos presentes no livro didático ao apresentarem uma atividade, indicarem como fazê-la e os dizeres “certos” e “errados” a serem proferidos aos alunos definem “para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (Foucault, 2003:29); tais discursos funcionam, portanto, posicionando sujeitos — como professora (porta-voz de um conhecimento específico), ou como aluno (aquele que está ali para aprender, que não sabe) — nas palavras de Larrosa “para cada enunciado existem posicionamentos de sujeitos. O sujeito é uma variável do enunciado” (Larrosa, 2002:66).

Discursos biomédicos e as experiências particulares de cada indivíduo...

Ao trabalharmos em sala de aula determinados conteúdos devemos lembrar que esses fazem parte de uma rede de significações⁵ específica, e que nossos alunos não necessariamente a integram. No livro *De olho no futuro* (1996:57-112), por exemplo, há uma discussão sobre alguns nutrientes e o nosso corpo, sem entretanto, vincular os alimentos a uma dieta e a práticas culturais (exercícios, vida sedentária, hábitos alimentares...):

Os músculos precisam de muita energia para trabalhar. Essa energia é fornecida em maior quantidade pelos alimentos energéticos, entre eles o açúcar, o mel, a uva e a beterraba. Além desses, os alimentos ricos em proteínas são indispensáveis para os músculos (idem:75).

Existem alguns alimentos que, quando ingeridos em grande quantidade e constantemente, podem até ser considerados “inimigos do coração e dos vasos sanguíneos”. Eles contêm uma substância chamada colesterol, que, quando em excesso, é prejudicial a todo o sistema circulatório. Entre esses alimentos estão as carnes gordurosas, a manteiga, o queijo e a gema do ovo (idem:88).

Já o livro *Pensar e Construir* (2001:91) traz elementos relacionados com o dia-a-dia dos alunos, com atividades como “Verificando o rótulo dos alimentos”, que propõe que os alunos tragam rótulos de produtos

3. Essa atividade propõe que os alunos respondam duas questões a partir da reportagem da Revista Veja, intitulada “Risco Pesado” que trata sobre os riscos e causas da obesidade (vista como doença na revista).

4. A Assessoria Pedagógica (p. 16) é destinada aos professores e auxilia-os com possíveis dúvidas em relação aos conteúdos ou assuntos.

5. Tomamos rede de significações como um conjunto de conceitos, discursos, práticas de determinado grupo de pessoas ou campo de conhecimento, como a Ciência Biológica, por exemplo.

que costumam comer em casa. No entanto, tais atividades encontram-se em um capítulo⁶ distinto daquele que discute a temática “dieta saudável”, sem articular suas discussões; evidenciando a diferença entre o que se come (hábito alimentar) e os discursos biomédicos a esse respeito.

Neste e em outros livros os discursos biomédicos, principalmente prescritivos — o que e como comer — e higienistas estão bastante presentes. Abaixo apresentamos um exemplo em que há prescrições do que deve ou não ser comido:

Uma boa alimentação deve ter vários tipos de alimentos: carnes, leite, queijo, ovos, verduras, legumes, arroz, feijão, batata e frutas. Balas, bombons, doces, refrigerantes, tudo isso é uma delícia! Mas cuidado! Você pode beber ou comer essas coisas só depois das refeições e em pequena quantidade. Essas delícias possuem muito açúcar, que pode estragar seus dentes e fazer você ficar gordinho.⁷

CONCLUSÕES

O livro didático é um, entre os vários recursos utilizados em sala de aula, e vem sendo um importante constituidor do currículo escolar. Assim, ao analisar esses livros, tentamos problematizar alguns dos discursos ali presentes, buscando discutir como a alimentação vincula-se com os mais diversos discursos e práticas culturais, passando pela ciência, etiqueta, higiene, prazeres, consumo... implicados na constituição dos os hábitos alimentares. Ao analisar esse recurso didático, não estamos querendo desqualificá-lo; mas sim problematizar narrativas tidas como “naturais” e “neutras”, que ao ensinar hábitos alimentares — se utilizando de estratégias disciplinares — podem constituir e posicionar os sujeitos escolares, regulamentando suas práticas em relação aos seus corpos (Foucault, 2002; Silva, 2001). Nosso estudo foi na direção de questionar a posição hegemônica que esses discursos vêm ocupando nas práticas escolares, o que não tem possibilidade que se crie condições para que se problematize: práticas em torno do comer, presentes nos dias de hoje e as experiências das crianças — gostos, sentimentos, preocupações e prazeres — relacionadas aos hábitos alimentares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, M. de; GIARD, L; MAYOL, P. (1997). *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar* Petrópolis: Vozes, 3 ed.
- FOUCAULT, M. (2002). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 25 ed.
- _____. (2003). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 9^a ed.
- LARROSA, J. (2002). Tecnologias do eu e educação. In: Silva, T. T. da (org). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 35-86.
- SILVA, T. T. da. (2001). Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. (org.) *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 190-207.

Material de Análise

- PASSOS, M. M. (1996). *De olho no Futuro: Ciências*, 4. São Paulo: Quinteto Editorial.
- P, M. S. N. e GALLO, M. V. e Vendramin, S. (2001). *Pensar e Construir: ciências naturais*, 3^a série. São Paulo: Scipione. (Exemplar do professor).
- COSTA, I. e LEMBO, A. (1995). *Terra Viva: ciências: primeiro grau*. São Paulo: Moderna.

6. O capítulo intitulado *Bem-estar* discute o que é necessário para termos uma boa qualidade de vida, como direitos humanos, saúde, alimentação, lazer, higiene, entre outros...

7. *Terra Viva: ciências: primeiro grau*. p. 36. Esse exemplo está no capítulo “Os sabores dos alimentos”, no qual discute as diferenças entre os sabores salgado, doce, azedo e amargo a partir das experiências dos estudantes.